

## TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CULTO PENTECOSTAL: ACEITAÇÃO, DESAFIOS E PERCEPÇÕES DE FIÉIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS

Jean Clemisson Santos Rosa<sup>51</sup>  
Guilherme Inácio Santos Paes<sup>52</sup>  
Adriana Lopes Damian<sup>53</sup>  
Isabela Lefol Arruda<sup>54</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta a exploração acerca do uso de tecnologias digitais durante os cultos em igrejas da Assembleia de Deus, analisando a aceitação, os desafios e as percepções dos fiéis. Com base em dados coletados por meio de questionários respondidos por membros brasileiros da denominação ( $n=48$ ), identificou-se as principais ferramentas digitais utilizadas por igrejas e indivíduos, os objetivos que norteiam seu uso, as experiências (positivas e negativas) vivenciadas e a dinâmica de incentivo ou desencorajamento da liderança. O estudo revela uma complexa interação entre a tradição pentecostal e a inovação tecnológica, apontando para uma crescente, embora por vezes ambivalente, integração do digital na liturgia e na experiência de culto.

**Palavras-chave:** Tecnologias Digitais; Culto; Experiência Religiosa; Tecno-espiritualidade; Interação Humano-Computador.

### ABSTRACT

---

<sup>51</sup> Doutor e Mestre em Ciência da Computação (Universidade Federal da Bahia). Professor do Centro Universitário Maurício de Nassau de Aracaju. Email: jclemisson@live.com

<sup>52</sup> Estudante de Bacharelado em Ciência da Computação (Universidade Federal de Sergipe). Email: guinacio@academico.ufs.br

<sup>53</sup> Doutora e Mestre em Informática (Universidade Federal do Amazonas). Email: adriana.damian@eldorado.org.br

<sup>54</sup> Mestre em Comunicação (Universidade Federal de Goiás). Email: isabelalefol@gmail.com

This article explores the use of digital technologies during worship services in churches affiliated with the Assemblies of God denomination, analyzing the acceptance, challenges, and perceptions of congregants. Based on data collected through questionnaires completed by Brazilian members of the denomination (n=48), we identified the main digital tools adopted by churches and individuals, the motivations guiding their use, the (positive and negative) experiences reported, and the dynamics of encouragement or discouragement by church leadership. The study reveals a complex interplay between pentecostal tradition and technological innovation, pointing to a growing—albeit sometimes ambivalent—integration of digital media into liturgy and worship experiences.

**Keyword:** Digital technologies; workshop services; religious experience; techno-spirituality; human-computer interaction

## INTRODUÇÃO

A pervasividade das tecnologias digitais na vida contemporânea tem transformado profundamente as esferas social, econômica e cultural (NERIS *et al.*, 2024)<sup>55</sup>. A dimensão da espiritualidade e da religiosidade não estão imunes a essa influência (Bell, 2006)<sup>56</sup>, com igrejas e fiéis explorando e adaptando ferramentas digitais em suas práticas e vivências de fé (ROSA e DAMIAN, 2024)<sup>57</sup>. Assim como outras dimensões da vida humana, espiritualidade pode influenciar a adoção e o uso de tecnologias digitais em todo o mundo (NERIS *et al.*, 2024).

---

<sup>55</sup> Neris, V. P. A., Rosa, J. C. S., Maciel, C., Pereira, V. C., Galvão, V. F., & Arruda, I. L. (2024). GranDIHC-BR 2025-2035 - GC4: Sociocultural Aspects in Human-Computer Interaction. Proceedings of the XXIII Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems, 1, 1–14. <https://doi.org/10.1145/3702038.3702057>

<sup>56</sup> Bell, G. (2006). No More SMS from Jesus: UbiComp, Religion and Techno-spiritual Practices. UbiComp'06 Proceedings of the 8th International Conference on Ubiquitous Computing, 4206, 141–158. [https://doi.org/10.1007/11853565\\_9](https://doi.org/10.1007/11853565_9)

<sup>57</sup> Rosa, J. C. S., & Damian, A. L. (2024). Exploring Digital Technology Adoption among Brazilian Evangelicals: A Survey and Research Agenda. Journal on Interactive Systems, 15(1), 79–91. <https://doi.org/10.5753/jis.2024.3035>

De acordo com Wyche (2008)<sup>58</sup>, a religião afeta a utilidade e a adoção de algumas tecnologias digitais. Consequentemente, a adoção e o uso de tecnologias digitais implicam novas formas de aprender e praticar a fé. A busca e o estímulo à inovação podem, muitas vezes, contradizer os desejos e as necessidades de potenciais usuários de tecnologias digitais. Pode ser que os humanos não desejem intervenções tecnológicas em alguns aspectos da vida. Um exemplo disso pode ser a prática religiosa, conforme relatado pela autora.

No entanto, o uso de tecnologias digitais por evangélicos nem sempre foi bem visto por líderes evangélicos. Exemplos disso são as proibições de televisão, internet, filmes ou outras mídias digitais pela Igreja Assembleia de Deus (ROIZ e FONSECA, 2009; SANTANA 2013)<sup>5960</sup>. Notadamente, no contexto brasileiro, na Igreja Assembleia de Deus e em outras igrejas, observa-se um movimento dinâmico entre a manutenção de tradições e a abertura para inovações que podem auxiliar na propagação da mensagem e na facilitação da participação (ROSA *et al.*, 2024).

Daí, surgem algumas perguntas: (i) Quais são as tecnologias digitais utilizadas pelos assembleianos nos cultos no Brasil? (ii) Quais são as principais percepções desses assembleianos sobre as tecnologias digitais utilizadas durante os cultos? Para responder a essas perguntas, este artigo apresenta uma análise do uso de tecnologias digitais especificamente durante os cultos, investigando a aceitação, os desafios e as percepções de 50 fiéis da Assembleia de Deus. Busca-se compreender como essa comunidade pentecostal incorpora essas

---

<sup>58</sup> Wyche, S. (2008). Church Share: Investigating Technology Use and Adoption Among Culturally Different Religious Groups. (Thesis) Georgia Institute of Technology.

<sup>59</sup> Roiz, D. S., & Fonseca, André. D. (2009). *As representações da Igreja Assembléia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000*. Revista Brasileira de História Das Religiões, 2(4), 185–205. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v2i4.26731>

<sup>60</sup> Santana, L. G. (2013). “CAIXA DO DIABO”: representações construídas pela Assembleia de Deus de Salvador sobre a televisão (1960 - 2000). (Dissertação) Universidade Estadual de Feira de Santana.

ferramentas, quais os propósitos que orientam esse uso e as implicações para a experiência religiosa presencial.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo se insere no campo interdisciplinar que investiga as relações entre espiritualidade e artefatos computacionais interativos, focalizando particularmente no pentecostalismo brasileiro e no uso de tecnologias digitais no contexto do culto. Para tanto, o arcabouço teórico será construído a partir de três pilares fundamentais: a Teologia Pentecostal, que fornece a base doutrinária e experiencial; a Sociologia e Antropologia da Religião, que oferecem lentes para compreender as dinâmicas sociais e culturais da fé; e a Interação Humano-Computador, que abordam as transformações impostas pelas tecnologias digitais.

### 1.1. *Teologia Pentecostal*

Para compreender as percepções e práticas dos fiéis da Assembleia de Deus no que se refere ao uso das tecnologias digitais no ambiente de culto, é importante situar o debate dentro da própria Teologia Pentecostal. Esta vertente cristã-teológica, emergente no início do século XX, distingue-se por uma série de pilares doutrinários que moldam profundamente sua experiência de fé e suas manifestações no culto (SIQUEIRA, 2018)<sup>61</sup>.

Um dos fundamentos mais distintivos do pentecostalismo é sua ênfase na experiência pessoal e direta com o Espírito Santo. Diferentemente de outras tradições cristãs, o pentecostalismo valoriza a manifestação dos dons espirituais – como a glossolalia (falar em línguas), profecias, curas divinas e milagres – como evidências da presença e atuação do Espírito na vida do crente e na comunidade

---

<sup>61</sup> Siqueira, G. F. (2018). *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal*. CPAD.

(SIQUEIRA, 2018). O culto pentecostal, portanto, não é meramente um ritual a ser observado, mas um espaço dinâmico de encontro e vivência sobrenatural. A liturgia é frequentemente caracterizada por liberdade de expressão, fervor e uma expectativa constante pela intervenção divina (SMITH, 2020)<sup>62</sup>.

A centralidade do culto de adoração como momento de louvor, oração e pregação da Palavra de Deus é inegável no pentecostalismo. É nesse contexto que a resposta congregacional – seja através de “améns”, “aleluias”, “glórias”, palmas (em algumas congregações, pois é sabido que há líderes que não permitem palmas durante o culto) ou a manifestação dos dons – se torna uma parte intrínseca da dinâmica litúrgica (GOMES e PALHARES, 2021; DIAS e SILVA, 2010)<sup>63</sup>. A palavra pregada é vista como viva e eficaz, e a música tem o papel de preparar o ambiente para a manifestação espiritual.

Nesse cenário, a introdução de tecnologias digitais levanta questões pertinentes: como o uso de telões para letras de louvores ou versículos bíblicos, e até mesmo a presença de smartphones nas mãos dos fiéis, interagem com essa busca por uma experiência autêntica e focada no Espírito? Será que a tecnologia, ao facilitar o acesso a textos e cânticos, potencializa a adoração ou, inversamente, pode desviar a atenção da imersão espiritual e da interação comunitária?

Além da experiência, o pentecostalismo é marcado por um forte impulso evangelístico e missionário. A “Grande Comissão” (Mateus 28:19-20) é interpretada não apenas como um mandamento, mas como um chamado urgente à propagação do Evangelho (SIQUEIRA, 2018). Nesse sentido, as tecnologias

---

<sup>62</sup> Smith, J. K. A. (2020). *Pensando em Línguas*: contribuições pentecostais para a filosofia cristã. Thomas Nelson Brasil.

<sup>63</sup> cf. Gomes, S. A., & Palhares, R. H. (2021). Igreja Assembleia de Deus: uma abordagem etnográfica de um culto protestante em Pirapora-MG, Brasil. *Revista Tocantinense de Geografia*, 10(20).  
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia> e Dias, J. C. T., & Silva, E. C. da. (2010). Uma Pregação Pentecostal. *Ciências Da Religião - História e Sociedade*, 8(1).

digitais são frequentemente vistas como ferramentas valiosas para cumprir o “Ide” missionário (MEDEIRO *et al.*, 2022)<sup>64</sup>. A transmissão de cultos ao vivo, a divulgação de conteúdos em redes sociais e o uso de aplicativos para evangelismo digital se alinham a essa vocação missionária, permitindo que a mensagem cristã alcance um público mais amplo e diversificado.

### ***1.2. Mediação Tecnológica da Experiência Espiritual: Interfaces com a IHC, Tecnoespiritualidade e Pós-Fenomenologia***

A Interação Humano-Computador (IHC) é uma área de estudo que, embora situada originalmente na Ciência da Computação, desenvolve-se de forma profundamente interdisciplinar. Seus esforços vão além de aspectos técnicos, buscando compreender como as pessoas projetam e usam artefatos computacionais interativos e os fenômenos relacionados a essa relação (ACM, 1992)<sup>65</sup>. Para isso, a IHC dialoga com saberes das Ciências Sociais, Psicologia, Educação, Antropologia, Semiótica e outras áreas, incluindo estudos que abordam a espiritualidade e a religiosidade (DE SOUZA *et al.*, 2003)<sup>66</sup>. Tal perspectiva permite investigar como diferentes comunidades — como aquelas ligadas à fé e às práticas religiosas — se apropriam de tecnologias digitais em suas experiências cotidianas (NERIS *et al.*, 2024).

As boas experiências relatadas pelos fiéis, como a agilidade em encontrar um versículo ou a praticidade de um *playlist*, demonstram uma usabilidade eficaz que facilita a participação. Por outro lado, as experiências negativas, como a bateria descarregando ou a dificuldade em destravar um celular

---

<sup>64</sup> Medeiros, F. F., Souza, A. R. de, Silva, A. A. da Sbardelotto, M., & Gomes, V. B. (2022). *Influenciadores digitais da fé: celebridades ou evangelizadores?* RuMoRes, 16(31), 230–252. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200401>

<sup>65</sup> ACM. (1992). ACM SIGCHI Curricula for Human Computer Interaction (Vol. 1). <http://www2.parc.com/istl/groups/uir/publications/items/UIR-1992-11-ACM.pdf>

<sup>66</sup> DE SOUZA, C. S., Carmelita, M., & Dias, P. (2003). Interdisciplinaridade e Fragmentação Científica em IHC. In A. M. Nicolaci-da-Costa & J. C. Leite (Eds.), Congresso Latino-Americano de Interação Humano-Computador (pp. 3–4).

para um *playback*, apontam para falhas na interação que podem quebrar a imersão no culto (ROSA e DAMIAN, 2024). A IHC, portanto, oferece lentes para entender como o design e a funcionalidade das tecnologias digitais podem tanto apoiar quanto prejudicar a experiência espiritual, ditando a fluidez da conexão entre o indivíduo, a tecnologia e o sagrado. A qualidade da interação (humano-computador) pode ser um fator determinante para que a tecnologia se torne uma extensão transparente da prática espiritual, em vez de um obstáculo.

Nesse sentido, o conceito de tecno-espiritualidade surge para descrever a confluência crescente entre o desenvolvimento tecnológico e a busca humana por significado, propósito e conexão com o transcendente (BELL, 2006). Não se trata apenas do uso de tecnologias para fins espirituais preexistentes, mas da própria formação de novas experiências e compreensões do espiritual mediadas pelo digital.

As transmissões de culto via *live streaming*, por exemplo, não são meras reproduções de um evento presencial; elas criam um novo espaço para a “copresença” digital, onde o fiel, mesmo distante fisicamente, pode sentir-se parte da comunidade e da adoração. As plataformas digitais, como redes sociais, transformam-se em extensões do espaço de comunhão e evangelização, permitindo “*alcançar/ajudar alguém que precisa mesmo estando distante*” ou servindo como “*vestígio de que a igreja do Senhor esteve na terra mais foi arrebatada*”, como um dos participantes desta pesquisa descreveu, evidenciando uma visão escatológica mediada pela tecnologia. A tecnoespiritualidade nos convida a questionar se o “sagrado” pode ser experimentado e compartilhado em ambientes digitais, e como a imersão em “conteúdos cristãos” online se integra à vivência da fé.

Sob essa perspectiva, a pós-fenomenologia de Peter-Paul Verbeek (2005)<sup>67</sup> sobre a tecnologia é central para entender como as tecnologias digitais

---

<sup>67</sup> Verbeek, P.-P. (2005). *What Things Do*. The Pennsylvania State University Press.

moldam a experiência espiritual. Para o autor, elas não são ferramentas neutras, mas agentes ativos que “co-moldam” a existência humana e o mundo (VERBEEK, 2005). Isso significa que elas participam ativamente na construção das nossas experiências, inclusive no âmbito espiritual.

A partir dessas abordagens teóricas, que nos permitem compreender a tecnologia não apenas como ferramenta, mas como um elemento intrínseco na (re)configuração das práticas e experiências espirituais, a próxima seção detalhará o percurso metodológico adotado para investigar a interação entre as tecnologias digitais e o culto na Igreja Assembleia de Deus.

## **2. METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem de pesquisa quantitativa e qualitativa, caracterizando-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. O objetivo principal foi compreender as percepções, usos, aceitação e desafios relacionados à integração de tecnologias digitais no cotidiano espiritual e, especificamente, durante os cultos na Igreja Assembleia de Deus. A metodologia foi desenvolvida em duas fases principais: coleta de dados e análise de dados.

### ***2.1. Procedimentos de Coleta de Dados***

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online estruturado, aplicado a membros da Igreja Assembleia de Deus. A escolha do formato online visou facilitar o alcance de um público geograficamente disperso, em consonância com a natureza digital do tema investigado. O questionário foi composto por 36 questões, abrangendo diferentes tipologias: questões demográficas, questões de múltipla escolha, questões abertas e questões de escala. O questionário, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ambos em Português e em Inglês, estão disponível abertamente no link: <https://doi.org/10.17605/OSF.IO/KAUN3>

A amostra de conveniência foi composta por 48 participantes, todos identificados como fiéis da Igreja Assembleia de Deus. Embora a coleta tenha sido voluntária e anônima, os dados demográficos revelam uma diversidade de perfis. Antes do preenchimento do questionário, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, o caráter voluntário e anônimo de sua participação e o uso exclusivo dos dados para fins científicos, garantindo a privacidade e a confidencialidade das informações, conforme preceitos éticos em pesquisas com seres humanos. O consentimento foi obtido de forma explícita na primeira pergunta do formulário.

## **2.2. Procedimentos de Análise de Dados**

A análise dos dados seguiu uma abordagem mista, combinando técnicas quantitativas e qualitativas para extrair o máximo de conhecimento das informações coletadas.

As respostas de múltipla escolha e as informações demográficas foram tabuladas e analisadas estatisticamente de forma descritiva (frequências absolutas e relativas). Isso permitiu identificar o perfil dos participantes, a prevalência de uso de determinadas tecnologias e a distribuição de respostas sobre incentivo/desencorajamento, por exemplo. Gráficos e tabelas (não apresentados nesta seção, mas que são parte da seção de resultados) foram utilizados para visualização dos dados agregados.

Por sua vez, a análise das respostas às perguntas abertas foi realizada utilizando a Análise Temática (AT), conforme proposto por Braun e Clarke (2006)<sup>68</sup>. Esta abordagem é flexível e rigorosa, permitindo a identificação, análise e relato de temas significativos nos dados qualitativos, sem estar atrelada a uma estrutura teórica predefinida, o que a torna adequada para uma pesquisa exploratória e descritiva como a presente.

---

<sup>68</sup> Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

O processo de Análise Temática seguiu as seis fases recomendadas por Braun e Clarke (2006). Primeiramente, os pesquisadores buscaram familiarizar-se profundamente com os relatos, lendo atentamente as respostas abertas sobre o uso da tecnologia nos cultos, com atenção às percepções e experiências espirituais relatadas.

Em seguida, foram identificadas expressões significativas nos relatos, agrupando-as por similaridade e sentido. Esse processo resultou na criação de códigos que refletiam práticas, desafios e sentidos atribuídos à presença de tecnologias no culto, como por exemplo, o uso do celular para louvores ou ofertas digitais, bem como preocupações com distrações ou dificuldades técnicas.

Esses códigos foram organizados em temas mais amplos, os quais revelam dimensões relevantes da experiência dos fiéis. Após revisão e refinamento, foram definidos quatro grandes temas que estruturam os resultados: (i) praticidade e suporte ao culto, (ii) a distração como desafio, (iii) experiências institucionais e pessoais e (iv) ambivalência da liderança diante da tecnologia.

Por fim, os resultados serão apresentados na próxima seção com base nesses temas, ilustrados por falas diretas dos participantes. O objetivo foi manter a integridade das vozes dos fiéis e aprofundar a compreensão sobre como práticas espirituais contemporâneas, especialmente em contextos pentecostais, estão sendo moldadas — e tensionadas — pela presença de tecnologias digitais.

### **3. RESULTADOS**

Representantes de diversas cidades e estados brasileiros (Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Paraíba, Goiás, Bahia, Ceará, Amazonas e Alagoas), indicando uma abrangência nacional da percepção; 29 homens (~60%) e 19 mulheres (~40%); predominância de jovens adultos, com a maioria entre 21 e 39 anos; variedade de níveis escolares, do Ensino Fundamental

Incompleto ao Ensino Superior Completo, permitindo inferir diferentes níveis de familiaridade com o ambiente digital; abrangendo desde "membros" a indivíduos com cargos de liderança ou ministério, como pastores, presbíteros, diáconos, músicos, líderes de departamentos e professores da Escola Bíblica Dominical (EBD)

A análise das percepções dos fiéis da Igreja Assembleia de Deus sobre o uso de tecnologias digitais durante os cultos revela uma interação complexa e multifacetada. Com base nas respostas diretas dos participantes, emergiram temas centrais que iluminam tanto os benefícios quanto os desafios dessa integração, evidenciando as dinâmicas institucionais e pessoais envolvidas, que são descritas nas subseções a seguir.

### **3.1. Praticidade e Suporte ao Culto**

As tecnologias digitais são amplamente percebidas como um suporte valioso que otimiza a experiência do culto e a participação dos fiéis. A praticidade é um ponto recorrente, especialmente no acesso facilitado à Bíblia e aos hinários, que historicamente foram elementos centrais na prática pentecostal. Participantes destacam a agilidade em encontrar versículos e acompanhar os cânticos. Uma fiel relatou: “*não tenho harpa cristã física, posso usar a digital para acompanhar o hino*” (P15, 19 anos). Outra enfatiza: “*ajuda auxiliando quem [...] louvando, vendo as letras da música*” (P20, 26 anos). Essa conveniência é particularmente relevante para novos convertidos ou para quem não tem a versão impressa: “*Para as pessoas que não tem bíblia como novos convertidos o telão onde passa os versículos no momento da leitura da palavra talvez seja o mais próximo que ele chegue da Bíblia antes de ter alguma, serve para que todos cantem juntos no momento do louvor*” (P2, 24 anos).

Para os envolvidos com ministérios, a tecnologia é um auxílio instrumental. Músicos, por exemplo, utilizam-na para afinar instrumentos, acessar cifras, playbacks ou pads, o que agiliza e melhora a performance musical: “[...]”

para afinar o instrumento, ver a letra e cifra das músicas, escrever a sequência dos louvores, colocar o “pad”, playback...” (P5, 24 anos). A capacidade de projetar conteúdos também é vista como um ganho significativo: “auxilia nos estudos” (P8, 39 anos).

### **3.2. A Distração como Desafio**

Apesar dos benefícios, a distração é o desafio mais proeminente e unanimemente reconhecido pelos fiéis. O uso do smartphone para fins não-espirituais durante o culto emerge como a principal fonte de preocupação, comprometendo o foco na adoração e na pregação. As experiências negativas frequentemente orbitam em torno da perda de concentração, tanto do próprio usuário quanto das pessoas ao redor. “Precisa vigiar pra não perder o foco do culto”, alerta uma participante (P6, 39 anos). Outro fiel expressa: “O uso de smartphones durante os cultos atrapalha, tanto a pessoa que usa quanto os que estão em volta” (P4, 32 anos). A observação de outras pessoas “desatentas ao culto” também gera tristeza: “percebo algumas pessoas desatentas ao culto, o que me entristece bastante, mas procuro não focar nos outros, já que a adoração é individual” (P15, 19 anos).

Além da distração, problemas técnicos como bateria descarregada ou dificuldades de conexão são citados como empecilhos, quebrando a fluidez da experiência: “às vezes a bateria descarrega quando precisa” (P16, 43 anos). A imprevisibilidade de conteúdos em plataformas como o YouTube também é um risco: “[...]pelo Youtube não conseguimos controlar o que vem de lá e às vezes músicas seculares são tocadas nas propagandas, antes de começar o que se foi buscado” (P24, 36 anos).

### **3.3. Experiências Institucionais e Pessoais**

As experiências dos fiéis com a tecnologia no culto podem ser divididas entre as institucionais, promovidas pela própria igreja, e as pessoais, que partem da iniciativa individual.

No âmbito institucional, as igrejas da Assembleia de Deus utilizam tecnologias como telões ( $n=5$ ), computadores ( $n=32$ ) e câmeras ( $n=4$ ) para fins organizacionais e de alcance. A pandemia de COVID-19, em particular, impulsionou a adoção de transmissões online como uma estratégia para manter a comunhão e o evangelismo, revelando o potencial de alcançar um público mais vasto: “[cultos] foram feitos através de lives” (P6, 39 anos). A percepção é que essa estratégia “[...] ajudou a aproximar as pessoas que não podiam ir aos cultos” (P28, 32 anos).

No nível pessoal, o smartphone é o principal dispositivo, usado para múltiplos propósitos. A comunicação emerge como uma função primordial, seja para o trabalho ou para contatos familiares distantes, mesmo durante o culto. Além disso, a tecnologia serve como um meio para o estudo e aprofundamento da fé: “uso mais o celular para falar com meus pais que moram distante, ouvir música e estudar” (P2, 24 anos). A dicotomia entre o uso facilitador e o uso distrativo, como visto anteriormente, marca fortemente a experiência pessoal. Enquanto o uso da Bíblia digital é elogiado, a liberdade de acesso a outras aplicações no mesmo dispositivo representa um dilema para os fiéis.

### **3.4. *Ambivalência da Liderança***

A postura da liderança de Assembleias de Deus em relação ao uso de tecnologias digitais no culto é marcada por uma ambivalência notável. Há um claro incentivo quando a tecnologia serve aos propósitos institucionais e missionários da igreja, mas também um desencorajamento em relação ao uso pessoal que possa comprometer a atenção e a reverência.

O incentivo é percebido na aquisição de equipamentos e na formação de departamentos de mídia, visando aprimorar a experiência coletiva e expandir o alcance da mensagem. “Os equipamentos e o departamento de mídia que temos na igreja” (P2, 24 anos) são citados como fatores de incentivo. A divulgação do evangelho por meio das redes sociais é um motivador explícito: “Pois as pessoas

*podem divulgar nas suas redes sociais e assim o nome do Jesus Cristo é anunciado no Brasil e no mundo”* (P18, 31 anos).

Por outro lado, o desencorajamento frequentemente surge da preocupação com a distração. Há uma crença de que o uso do smartphone no culto não é o “*não é o momento oportuno (na igreja é momento de cultuar)*” (P3, 39 anos) e que “prejudica” a concentração. Alguns líderes “*chamam a atenção*” (P20, 45 anos) ou há “*constrangimento do uso*” (P33, 28 anos). Um participante relata: “*No meio Pentecostal alegam que prejudica*” (P8, 39 anos). Curiosamente, a percepção de “talvez” ou “nenhuma das respostas” quanto ao incentivo/desencorajamento (14 menções) sugere que, em muitas congregações, não há uma diretriz formal ou explícita sobre o assunto, deixando a interpretação a cargo de líderes e membros individuais.

Em síntese, a liderança parece abraçar a tecnologia como um recurso estratégico para o avanço da igreja e aprimoramento da liturgia, mas mantém uma postura cautelosa e, por vezes, restritiva, quando percebe que a ferramenta pode desviar o foco da experiência espiritual individual no ambiente sagrado do culto.

#### **4. DISCUSSÃO**

A análise dos temas emergentes da AT, em conjunto com a fundamentação teórica em IHC, tecno-espiritualidade e pós-fenomenologia da tecnologia, revela um contexto complexo, rico e profundo de interações entre os participantes e as tecnologias digitais na composição do culto. Longe de serem meras ferramentas neutras, as tecnologias atuam como mediadoras ativas, co-moldando as percepções, práticas e o próprio ambiente espiritual, conforme a perspectiva de Verbeek (2005).

O tema da “Praticidade e Suporte ao Culto” ilustra a face mais imediatamente aceita da mediação tecnológica. Telões e smartphones se tornam extensões da percepção e da ação dos fiéis e líderes. A capacidade de projetar

letras de louvores ou versículos bíblicos elimina barreiras de acesso e padroniza a participação, ao passo que aplicativos de Bíblia e hinários digitais no celular oferecem uma agilidade e conveniência sem precedentes. Essa funcionalidade intrínseca à IHC facilita a imersão nos conteúdos sagrados, permitindo que o fiel se concentre na mensagem ou no louvor, em vez de folhear um livro físico. A tecnologia, aqui, age como um facilitador transparente, tornando-se quase imperceptível em sua função de apoio.

Contudo, a transparência não é absoluta e a mediação tecnológica pode, paradoxalmente, gerar atritos, como evidenciado pelo tema “A Distração como Desafio” constante. As experiências negativas dos participantes sublinham que o mesmo smartphone que oferece a Bíblia digital é um ponto para a distração inerente às redes sociais e comunicações cotidianas. Essa tensão reflete a perspectiva de Verbeek (2005) sobre as prescrições morais embutidas nas tecnologias. O celular, ao mesmo tempo em que prescreve o acesso ao conteúdo religioso, também “convida” à navegação em outros aplicativos, desafiando a reverência e o foco no espaço sagrado do culto. A “perda de foco” e a “interrupção da experiência coletiva” não são meros desvios individuais; são consequências da mediação tecnológica que reconfigura a atenção e a presença dos fiéis.

As “Experiências Institucionais e Pessoais” demonstram a dualidade no propósito da mediação tecnológica. Institucionalmente, igrejas Assembleia de Deus abraçam a tecnologia para expandir seu alcance e cumprir o “Ide” missionário, fundamental na Teologia Pentecostal (SIQUEIRA, 2018). As *lives streaming* e a presença em redes sociais, intensificadas durante a pandemia de COVID-19, exemplificam a tecno-espiritualidade, onde novas formas de experiência religiosa são forjadas através do digital. Essa “copresença” digital permite que a igreja transcenda as barreiras físicas, tornando a mensagem acessível globalmente e criando um “vestígio” digital da fé. Do ponto de vista

peçoal, o smartphone se torna um centro de múltiplas funcionalidades, desde a leitura bíblica até a comunicação familiar, evidenciando como a tecnologia se integra de forma holística à vida do fiel, inclusive em seu aspecto espiritual.

Por fim, a “Ambivalência da Liderança” diante da tecnologia encapsula as complexas negociações que as Assembleias de Deus enfrentam. Há um claro incentivo à tecnologia quando ela se alinha aos objetivos estratégicos da igreja (evangelismo, organização, aprimoramento litúrgico institucional), o que pode ser visto como uma instrumentalização benéfica da tecnologia para fins divinos. Contudo, há um notável desencorajamento e preocupação quando o uso pessoal das tecnologias ameaça a sacralidade, a reverência e a atenção dos fiéis no ambiente do culto. Verbeek (2005) argumentaria que a liderança tenta impor um “script” moral que prioriza a imersão no ato de culto sobre a conectividade digital. A ausência de diretrizes explícitas em muitas congregações sugere uma fase de adaptação e debate interno sobre a ética do uso da tecnologia, refletindo a tensão entre a abertura pentecostal à inovação e a preservação da experiência espiritual tradicional e da comunhão congregacional.

Em suma, esta discussão demonstra que as tecnologias digitais no culto assembleiano são forças ativas que redefinem não apenas a praticidade das atividades, mas também a natureza da presença, os desafios à atenção e as dinâmicas de poder e moralidade dentro da comunidade de fé. As tecnologias não são meros suportes, mas construtoras ativas de uma experiência religiosa em constante evolução.

## **CONCLUSÃO**

Este estudo buscou explorar a complexa relação entre fiéis da Assembleia de Deus e as tecnologias digitais no contexto do culto, revelando um contexto complexo, rico e profundo de interações mediadas pelo digital que moldam a experiência espiritual pentecostal. Os resultados da análise evidenciaram que as

tecnologias são amplamente valorizadas pela sua praticidade e suporte ao culto, facilitando o acesso à Palavra e ao louvor e otimizando as atividades ministeriais. Contudo, a distração emerge como um desafio significativo, levantando questões sobre o foco na adoração e a natureza da presença no espaço sagrado. A análise também revelou a ambivalência da liderança diante da tecnologia, que oscila entre o incentivo estratégico para o alcance e a divulgação do evangelho, e o desencorajamento de usos que possam desviar a atenção individual da liturgia. A teologia pentecostal, com sua ênfase na experiência e no “Ide” missionário, encontra na tecnologia um potente aliado, mas também um elemento que demanda discernimento contínuo para evitar a superficialização e datificação da fé e a perda da comunhão genuína. Para trabalhos futuros, sugere-se a realização de estudos com metodologias mistas mais abrangentes, incluindo observação participante e entrevistas aprofundadas, a fim de explorar as nuances da experiência digital em diferentes contextos pentecostais e aprofundar a compreensão sobre a formação de diretrizes e a “teologia digital” emergente nessas comunidades.

## REFERÊNCIAS

- ACM. (1992). *ACM SIGCHI Curricula for Human Computer Interaction* (Vol. 1). <http://www2.parc.com/istl/groups/uir/publications/items/UIR-1992-11-ACM.pdf>
- BELL, G. (2006). No More SMS from Jesus: Ubicomp, Religion and Techno-spiritual Practices. *UbiComp'06 Proceedings of the 8th International Conference on Ubiquitous Computing*, 4206, 141–158. [https://doi.org/10.1007/11853565\\_9](https://doi.org/10.1007/11853565_9)
- BRAUN, V.; CLARKE, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

de Souza, C. S., Carmelita, M., & Dias, P. (2003). Interdisciplinaridade e Fragmentação Científica em IHC. In A. M. Nicolaci-da-Costa & J. C. Leite (Eds.), *Congresso Latino-Americano de Interação Humano-Computador* (pp. 3–4).

DIAS, J. C. T.; SILVA, E. C. da. (2010). Uma Pregação Pentecostal. *Ciências Da Religião - História e Sociedade*, 8(1).

GOMES, S. A.; PALHARES, R. H. (2021). Igreja Assembleia de Deus: uma abordagem etnográfica de um culto protestante em Pirapora-MG, Brasil. *Revista Tocantinense de Geografia*, 10(20).

MEDEIROS, F. F., SOUZA, A. R. de; SILVA, A. A. da; SBARDELOTTO, M.; GOMES, V. B. (2022). Influenciadores digitais da fé: celebridades ou evangelizadores? *RuMoRes*, 16(31), 230–252. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200401>

NERIS, V. P. A. *et al.* (2024). GrandIHC-BR 2025-2035 - GC4: Sociocultural Aspects in Human-Computer Interaction. *Proceedings of the XXIII Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*, 1, 1–14. <https://doi.org/10.1145/3702038.3702057>

ROIZ, D. S.; FONSECA, André. D. (2009). As representações da Igreja Assembléia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. *Revista Brasileira de História Das Religiões*, 2(4), 185–205. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v2i4.26731>

ROSA, J. C. S.; DAMIAN, A. L. (2024). Exploring Digital Technology Adoption among Brazilian Evangelicals: A Survey and Research Agenda. *Journal on Interactive Systems*, 15(1), 79–91. <https://doi.org/10.5753/jis.2024.3035>

SANTANA, L. G. (2013). *“Caixa do diabo”*: representações construídas pela Assembleia de Deus de Salvador sobre a televisão (1960 - 2000). (Dissertação) Universidade Estadual de Feira de Santana.

SIQUEIRA, G. F. *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal*.

Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SMITH, J. K. A. *Pensando em Línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2020.

VERBEEK, P.-P. (2005). *What Things Do*. The Pennsylvania State University Press.

WYCHE, S. (2008). *Church Share: Investigating Technology Use and Adoption Among Culturally Different Religious Groups*. (Thesis) Georgia Institute of Technology.